

# Cidades.

### Protesto contra preço alto em bares

Ao som de vinil, pelo menos 300 pessoas devem comparecer hoje, ao Centro de Vitória, para protestar contra os preços praticados pelo mercado. *Página 8*

EDITORA: **ANDRÉA PIRAJÁ**  
apiraja@reddegazeta.com.br  
Tel.: 3321.8446  
agazeta.com.br/cidades  
gazetacidades

## OS DADOS CORRETOS

Entre os 3.810 entrevistados, os percentuais corretos são os seguintes



# IPEA ERRA PESQUISA

## 26% E NÃO 65% APOIAM

# ATAQUE A MULHERES

### Diretor do Instituto pediu exoneração por causa do erro

O Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea) informou ontem que os dados da pesquisa na qual 65,1% dos entrevistados concordavam que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas” estavam errados. De acordo com o Ipea, a porcentagem correta é 26%.

O diretor de Estudos e Políticas Sociais, Rafael Guerreiro Osório, pediu demissão do cargo assim que o erro foi detectado. Ele ingressou no órgão como estagiário, em 1999.

O instituto informou que o erro foi causado pela troca de gráficos. Outros dois dados divulgados também apresentavam equívocos.

Os 65% dos entrevistados concordam, na verdade, com a seguinte afirmação: “Mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar”. Outras duas das 41 afirmações da pesquisa tiveram os dados invertidos na divulgação da pesquisa.

Sobre a frase “em bri-

ga de marido e mulher, não se mete a colher”, 58,4% dos entrevistados concordam plenamente, ao contrário dos 47,2% que haviam sido divulgados. Os dados dessa sentença foram trocados pelos da frase: “o que acontece com o casal em casa não inte-

ressa aos outros”.

### DESCULPAS

Em nota, o Ipea pediu desculpas pelo erro. “Pedimos desculpas novamente pelos transtornos causados e registramos nossa solidariedade a todos os que se sensibilizaram contra a violência e o preconceito e

em defesa da liberdade e da segurança das mulheres.”

Segundo o instituto, os demais resultados se mantêm, como a concordância de 58,5% dos entrevistados com a ideia de que se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros.

Apesar do erro, o Ipea

afirma que as conclusões gerais da pesquisa “continuam válidas, ensejando o aprofundamento das reflexões e debates da sociedade sobre seus preconceitos”, diz o texto da nota.

Segundo o Ipea, a pesquisa ouviu 3.810 pessoas entre maio e junho do ano passado em 212 cidades.



REPRODUÇÃO/FACEBOOK

A jornalista Nana Queiroz deu início à campanha “Não mereço ser estuprada” na rede social Facebook

Do total de entrevistados, 66,5% são mulheres.

A pesquisa “Tolerância social à violência contra as mulheres”, teve ampla repercussão. A presidente Dilma Rousseff chegou a comentar no Twitter que o país tem “muito o que avançar no combate à violência contra a mulher”.

Em razão da pesquisa, a jornalista Nana Queiroz, de Brasília, lançou um protesto chamado “Eu não mereço ser estuprada”, que se espalhou pelas redes sociais, com fotos de homens e mulheres reproduzindo a frase.

A Secretária de Políticas para as Mulheres da Presidência da República divulgou nota em que diz que a “correção dos dados da pesquisa corrobora o fato de que a sociedade está em processo de mudança no que toca à igualdade de gênero”. Mas acrescenta que “continua lamentável o número de pessoas que defendem que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. (Com agências)

# “O NÚMERO CONTINUA SENDO ALTO”

## Maioria acha que comportamento da mulher é que leva ao estupro

▲ CARLA SÁ  
carla.sa@redgazeta.com.br

Apesar do erro da pesquisa que indicava que 65% das pessoas concordavam inteiramente ou parcialmente com a afirmação de que “mulheres que usam roupa curta merecem ser atacadas”, o levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), trouxe à luz a discussão sobre o machismo e a violência contra a mulher.

“Mesmo que não sejam 65%, o número continua sendo alto”, diz a titular da Delegacia da Mulher em Vitória, Arminda Rodrigues. Para ela, o dado incorreto não invalida a comprovação de que o machismo existe forte-

mente entre a população de todo o país.

Comprovando isso, outro índice da pesquisa que está confirmado como correto mostra que 58,5% dos entrevistados concordam com a ideia de que se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros. “Esse dado, de certa maneira, é ainda pior, parece uma autorização generalizada do machismo e dos ataques”, avalia a delegada.

Além disso, há mais dados que chamam a atenção pelo tom de “culpa” que imputam à mulher em casos de violência. É o caso da afirmação “Mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar”, em

que 65,1% concordam parcialmente ou totalmente.

Entretanto, a delegada acredita que a pesquisa, intitulada “Estupros no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde”, foi conduzida de maneira a já induzir a uma resposta e as perguntas poderiam ter sido feitas de forma mais direta. “Podiam questionar o que leva uma mulher a ser atacada ou porque os estupros acontecem”, diz.

### MOTIVOS

Nos depoimentos ouvidos por Arminda em sua delegacia, nunca um esturador ou molestador disse que atacou a vítima por ela estar “usando roupas curtas” ou tendo um “com-

portamento exibicionista”. “Normalmente eles dizem simplesmente que ‘veio na cabeça’ ou que ‘deu vontade’”, conta.

No entanto, o que realmente é percebido na investigação policial é que esses criminosos, assim como os assaltantes, costumam aproveitar-se da vulnerabilidade da vítima.

“Entendemos que existem situações que deixam a mulher mais vulnerável, como estar em locais mais escuros de noite ou de madrugada, ficar sozinha em uma rua ou em um ponto de ônibus, e estar com algum celular, relógio ou pertence que possa ser roubado. Eles escolhem pela fragilidade”, explica a delegada Arminda.

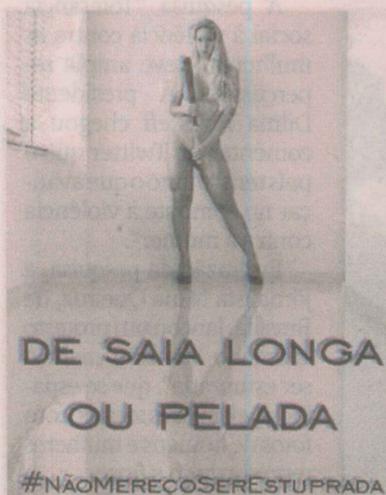
FOTOS: DIVULGAÇÃO



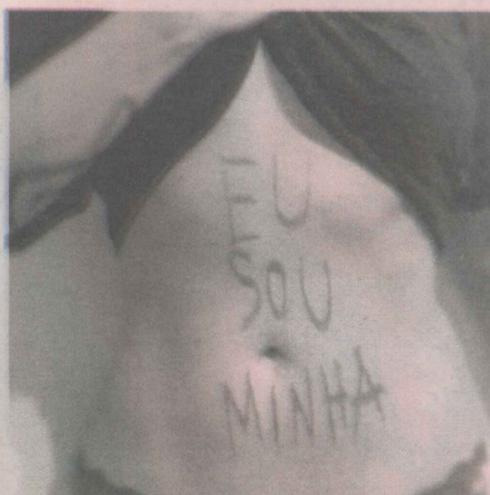
Letícia, ex-BBB, a atriz Karine e Fátima Bernardes



Daniela Mercury levantou cartaz contra o estupro



As cantoras Valesca Popozuda e Pitty também entraram na campanha virtual



## Campanha toma conta das redes sociais

Logo após a divulgação da pesquisa do Ipea, na semana passada – com a versão incorreta dos índices –, a jornalista Nana Queiroz, de 28 anos, criou a campanha “Não mereço ser estuprada”, em que uma legião de

mulheres tiraram fotos de si mesmas de topless, com a frase estampada no corpo ou em um cartaz.

Na sequência, inúmeras fotos foram postadas aderindo à causa, inclusive de famosas como Daniela Mercu-

rye e Valesca Popozuda. Outra campanha também foi feita, com a intenção das protestantes usarem a hashtag #EuSouMinha nas redes sociais. A cantora Pitty foi uma das celebridades que compartilharam uma foto no seu Instagram. A foto de Nana Queiroz foi tirada na frente do Congresso Nacional. A imagem ficou famosa, mas a jornalista foi ameaçada de estupro pela internet.

### FRAGILIDADE



“Esses criminosos, assim como os assaltantes, costumam aproveitar-se da vulnerabilidade da vítima”

ARMINDA RODRIGUES  
TITULAR DA DELEGACIA DA MULHER EM VITÓRIA

“Por ter se manifestado nas redes contra a cultura de violência contra a mulher, a jornalista Nana Queiroz merece toda a minha solidariedade e respeito”

DILMA ROUSSEFF

### DEU NO FACEBOOK

#### Renata Murari

Com Ipea ou sem Ipea, Brasil, qualquer porcentagem que indique concordância, parcial ou total, com a frase “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas” é absolutamente abominável.

#### Raphael IS

A pesquisa pode estar com os dados errados, mas pelos comentários machistas depois que ela foi divulgada mostra que realmente os mais de 60% anteriores não mudaram em nada.

#### Gilcesar Scarpatti

Nada justifica abuso sexual. O abusador tem que ser punido com leis mais duras. O governo tem que parar de enfiar pesquisa goela a baixo no povo e resolver todas as questões que estão deixando a desejar há muito tempo: Segurança, Saúde e Educação!

#### Henrique Alves

Eu concluo que 26% dos brasileiros não têm mãe, irmãs, sobrinhas, etc... pois elas estão neste percentual.

#### Márcio Kao Yien

Independentemente de pesquisa, o ES ainda é o Estado onde se mais mata mulheres. Não temos nada para nos orgulhar.